

A presença da Educação Popular e Saúde nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão

 Fernanda dos Santos Paulo*

Resumo: O artigo objetiva evidenciar a presença dos temas: Educação Popular e Saúde, em cartas de Carlos Rodrigues Brandão a fim de promover um diálogo entre esses dois campos de atuação. Trata-se de uma pesquisa documental tendo como base materiais inéditos de Carlos Rodrigues Brandão e outros materiais oriundos de revistas: Cadernos do Centro Ecumênico de Documentação e Informação e Cadernos de Educação Popular do Nova: pesquisa, avaliação e assessoria, as quais são importantes interlocutoras dos processos educativos, vinculando as temáticas Educação Popular e Saúde. A análise dos dados teve contribuições reflexivas de autores referência do campo da Educação Popular. Identificamos, entre os resultados deste estudo, que as experiências apresentadas são pouco conhecidas e estudadas, desta forma, possuem potencial para a produção de educações de insurgências: isto é uma pedagogia latino-americana.

Palavras-chave: História da Educação Popular, Educação Popular e Saúde, Cartas.

The presence of Popular Education and health in the letters of Carlos Rodrigues Brandão

Abstract: The article aims to highlight the presence of the themes: Popular Education and Health, in letters by Carlos Rodrigues Brandão, in order to promote a dialogue between these two fields of action. This is a documentary research based on unpublished materials by Carlos Rodrigues Brandão and other materials from magazines: Notebooks of the Ecumenical Center for Documentation and Information and Notebooks of Popular Education of Nova: research, evaluation and advice, which are important interlocutors of educational processes, linking the themes Popular Education and Health. Data analysis had reflective contributions from reference authors in the field of Popular Education. We identified, among the results of this study, that the experiences presented are little known and studied, thus, they have potential for the production of education for insurgencies: this is a Latin American pedagogy.

Keywords: History of Popular Education, Popular Education and Health, Letters.

* Professora do PPGEd/UNOESC, militante da Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA), do Movimento de Educação de Educação Popular (MEP) e do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Rio Grande do Sul (FEJARS). O artigo é resultante de um trabalho de pesquisa com apoio financeiro do CNPq Universal. E-mail: fernanda.paulo@unoesc.edu.br



Introdução

Os campos da saúde e da educação envolvem um conjunto plural de práticas educativas e calorosos debates quando o assunto é a viabilização dessa temática por meio de políticas públicas. Nesses termos, este artigo traz, como uma de suas propostas, analisar registros resgatados de cartas do acervo de Carlos Rodrigues Brandão e nos Cadernos do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e Cadernos de Educação Popular do Nova, que apresentam o envolvimento da Educação Popular com a temática da saúde.

A intenção de analisar esses materiais se dá em virtude do reconhecimento da matriz teórica da Educação Popular. Um indicador disso são as diversas formulações desenvolvidas nesse campo do conhecimento teórico-prático que tem sido agregada no campo da saúde pública por meio de ações iniciadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (Gomes; Merhy, 2011). Em diversos espaços é possível localizar ações conjuntas de educação e saúde, um exemplo contemporâneo é o trabalho do Agente Comunitário de Saúde¹; outro exemplo, um pouco mais antigo, é a atuação de agentes de pastoral da Igreja das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sob orientação da Teologia da Libertação.

Em escolas é possível identificarmos projetos educativos destinados as práticas de cuidado e saúde, tais como: grupos de estudos e de extensão sobre temas relacionados ao feminismo, a drogadição, violências e sexualidade. Igualmente, nos postos de saúde há grupos de orientações e atenção à família, mulheres, idosos, adolescentes, fumantes, diabéticos, entre outros grupos.

Nas ruas, diferentes dos espaços sociais e institucionais, temos o contato com panfletos, notícias, cartazes, campanhas e demais materiais que tratam da relação entre os temas: educação e saúde. Mas, nada do que foi exposto significa que educação e saúde se articulam com a proposta político-

¹ Saber mais, conferir em: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Programa Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2001.

pedagógica da Educação Popular. Então, o que seria Educação Popular em Saúde?

No Brasil, entre os anos de 1950 a 1970, surgiram experiências educativas de medicina comunitária, incluindo a participação da população a partir de diálogos entre os diferentes saberes. Contribuíram para uma nova proposta de educação e saúde, sob a inspiração da saúde comunitária, vários sujeitos: projetos comunitários, movimentos sociais populares, trabalhadores e intelectuais. Muitos destes atuavam nas áreas de saúde orientando-se pela Educação Popular (Vasconcelos; Vasconcelos; Silva, 2015). Dois dos movimentos sociais populares que se destacam foram o Movimento de Educação de Base (MEB) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) (Maués, 2010; Paulo, 2018).

A história do Brasil, que permite associar Educação Popular e Saúde, inicia-se com a luta pela saúde pública, no início do século XX. As ações de cunho educativo, inicialmente, eram campanhas em prol da água potável, cuidados com o corpo e com a cidade, como por exemplo, a obrigatoriedade das vacinas. Porém, a prática de educação em saúde, através de campanhas, era breve, caracterizando-se pela transmissão de informações às comunidades, pois, as autoridades visualizavam a população como pessoas incapazes de compreender informações mais elaboradas (Vasconcelos, 1988).

Vasconcelos (1988) é um dos autores que possui larga produção acadêmica sobre Educação Popular em Saúde. E, segundo ele, a Educação Popular e Saúde para os governantes, nos séculos XIX e XX, eram tratadas como ação que visava impedir problemas iniciais e proliferação de doenças. As iniciativas governamentais estavam relacionadas às demandas advindas da economia brasileira como a da exportação do café, de organização bancária, necessidade de serviços públicos, como educação e saúde (Furtado, 2007).

Na Primeira República (1889-1930) intensificaram-se ações de educação e saúde, sob o prisma do positivismo, destinados a prevenir e resolver

epidemias, cuja concepção higienista e biologicista² de homem, sociedade, saúde e doença prevaleciam (Vasconcelos, 1988). Nestes casos, o sentido de “popular” é o de popularizar a informação a partir da transmissão de comunicados de forma instrumental, a conhecida educação bancária, denominada por Paulo Freire (1987).

Como questão pública de saúde no Brasil, a partir da década de 1960, foram elaborados planos políticos iniciando com a medicina preventiva. Essa política não se aproxima com um modelo social e popular de Saúde como consta na Constituição Federal de 1988 e no Sistema Único de Saúde (SUS) de 1990. Os pressupostos da Educação Popular, como participação, diálogo e escuta serviram de inspiração da política de saúde pública a partir da Constituição Federal de 1988 (Vasconcelos, 1988; 2004; 2010; 2012).

Nessa época, apesar do modelo hegemônico institucional, alguns partidos políticos de esquerda, movimentos populares, intelectuais e educadores ligados à igreja católica apresentavam propostas contra-hegemônicas, propondo práticas educativas para e com as classes populares. Surge a Educação Popular nesses espaços, buscando organizar iniciativas com diferentes perspectivas filosóficas³ com base na educação crítica (Paulo, 2013; 2018). Um dos pensadores da igreja católica progressista é Dom Hélder Câmara, bispo católico de Recife. Sua defesa pela Educação Popular humanizadora tem relação direta com o trabalho desenvolvido no MEB (Condini, 2016), lugar de atuação de Carlos Rodrigues Brandão. No MEB as práticas de Educação Popular direcionavam-se ao trabalho de conscientização política de todos os sujeitos na relação entre educação, saúde e sociedade. O MEB se constitui em um dos movimentos da igreja católica,

² Foi um modelo biologicista centrado no conceito de saúde como oposto de doença.

³ Sobre as tendências filosóficas verificar no capítulo 4, em especial no item 4.1 Sínteses da Educação Popular e as tendências filosóficas a partir dos pioneiros e das pioneiras da Educação Popular, na tese de Paulo (2018). Neste trabalho é possível identificar a vinculação entre a Educação Popular e os Cadernos CEDI e do NOVA, bem como acerca da Revista *Tempo e Presença*. Já na dissertação de Paulo (2013) no ponto, 3.2 Raízes do pensamento de Freire e sua proposta político pedagógica de Educação Popular: relações com a AEPPA, é possível localizar as diferentes, e não antagônicas, correntes filosóficas da Educação Popular.

baseado na Teologia da Libertação, apresentando propostas de formação política e de educação integral.

Educação Popular Humanizadora e Saúde: Interloquções a partir de Carlos Rodrigues Brandão

Na década de 1960 surge à ideia de Educação Popular crítica, humanizadora e subversiva, contrariando práticas educativas tecnicistas, racionalistas, bancárias, mecanicistas e autoritárias. Contudo, a expressão Educação Popular é mais antiga, possuindo sentidos e significados múltiplos (Paulo, 2018).

Osmar Fávero é um dos autores que tem contribuído para a publicização da memória e da história da Educação Popular brasileira. Para ele, a “história da educação de adultos e a história da educação popular não aparecem nos livros de história da educação brasileira” (Fávero; Motta, 2016: 13), com algumas pequenas exceções, citando as pesquisas de Vanilda Paiva e de Celso de Rui Beisiegel, como pioneiros⁴.

Fávero, Motta (2016) e Paulo (2018) vêm produzindo textos e materiais sobre a história e memória da Educação Popular, considerando que o Brasil conta com uma vasta experiência de práticas educativas, mas com pouca visibilidade no campo acadêmico.

As revistas: Cadernos do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e Cadernos de Educação Popular do Nova: pesquisa, avaliação e assessoria (Depois surgiu a Revista Tempo e Presença) possuem publicações que abordam a Saúde ligada à Educação Popular progressista. Osmar Fávero, considerado pioneiro da Educação Popular brasileira, referindo-se ao CEDI e o NOVA nos diz:

Em 1972, alguns profissionais que provinham dos **movimentos de cultura e educação popular** do início dos **anos de 1960, particularmente do MEB**, e outros ligados às ações **pastorais e ao sindicalismo**, preocupados com a

⁴ Sobre os pioneiros da Educação Popular no Brasil ver Paulo (2018).

dispersão daquelas ações, **realizaram um seminário** que deu origem a uma **agência de assessoria e pesquisa em educação, o Pesquisa, Assessoria e Avaliação em Educação (NOVA)**, com sede no Rio de Janeiro. Já funcionava no Rio de Janeiro, desde **1964/1965, o Centro Evangélico de Informação (CEI)**, formado por **militantes** ligados à Confederação Evangélica do Brasil, afastados de suas igrejas após o golpe civil-militar de 1964. Em **1968**, com a incorporação de **militantes católicos**, o CEI passou a denominar-se **Centro Ecumênico de Informação** e, em **1974, institucionalizou-se** como **Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI)**, com uma sub-sede em São Paulo. No **projeto de reflexão** sobre o momento político, **possibilidades de resistência ao autoritarismo vigente** e **aspirações de mudanças**, com os **grupos de base, o CEDI definiu um projeto de educação popular**, também em termos de pesquisa e assessoria, e desenvolveu fértil linha de publicações periódicas e avulsas (Fávero; Motta, 2016: 7-8 - Grifos nossos).

A história da Educação Popular, encontradas nos materiais acima, são referências importantes para a continuidade da memória pedagógica da educação brasileira. Paulo Freire foi um dos educadores com experiências de Educação Popular nos pressupostos da pedagogia crítica. Além dele destacamos outros autores, a saber: o Carlos Rodrigues Brandão, Celso Beisiegel, Balduino Andreola, Vanilda Paiva, Osmar Fávero.

O trabalho na área da saúde é um campo da trajetória da Educação Popular. Além disso, é importante ressaltar que as atividades da educação e saúde, na Educação Popular, realizavam-se, principalmente, de modo autônomo, via movimentos sociais populares, de caráter instituinte, ou institucionalizados via projetos de pesquisa, coordenados por pesquisadores – militantes da Educação Popular. Muitas das experiências foram publicadas nos Cadernos do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e Cadernos de Educação Popular do Nova, como podemos observar nos quadros 1 e 2.

Quando 1 – Cadernos de Educação Popular: NOVA

Nova: pesquisa, avaliação e assessoria	Cadernos de Educação Popular	Número	Ano
	Conversando com os agentes. Saber popular/Educação popular.	3	1982
	Saúde e educação popular.	7	1984

Fonte: Dados da pesquisa documental.

Quadro 2 – Cadernos do CEDI

Cadernos do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI)	Cadernos do CEDI	Número	Ano
	Pastoral popular: notas para um debate	1	S/d
	Algumas notas sobre a experiência de um programa de saúde comunitária	2	S/d
	O Meio Grito: Estudo sobre Condições e Direitos Associados ao Problema da Saúde	3	1980
	Roças Comunitárias & outras experiências de coletivização no campo.	10	1982
	Educação Popular: Alfabetização e primeiras contas - Experiências na elaboração de material didático para adultos	13	1984
	O caminho da escola: luta popular pela escola pública	15	1986
	Educação Popular I (reprodução cadernos do Centro Ecumênico de Informação-CEI)	17	1977

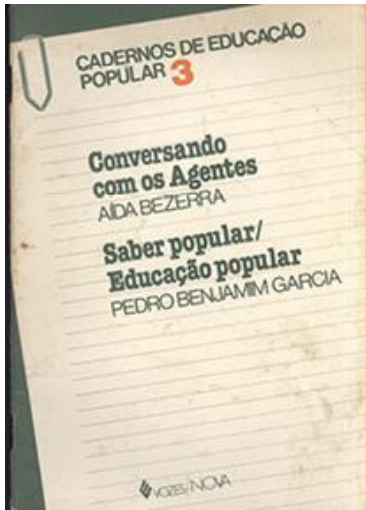
Fonte: Dados da pesquisa documental.

Relativo aos quadros 1 e 2, o acesso a esses conteúdos deu-se através do material disponibilizado em DVDs por Osmar Fávero. Isto é, para esse texto, na Pesquisa Documental, os materiais de segunda mão originaram-se de documentos organizados por Osmar Fávero e Elisa Motta em DVDs sobre Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Também, o acervo de Cartas do Brandão, recebido para a realização da pesquisa intitulada: Memória e História da Educação Popular a partir do Levantamento e Catalogação das Cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a Pedagogia Latino-Americana, financiada pelo CNPq. As cartas são os documentos de primeira mão.

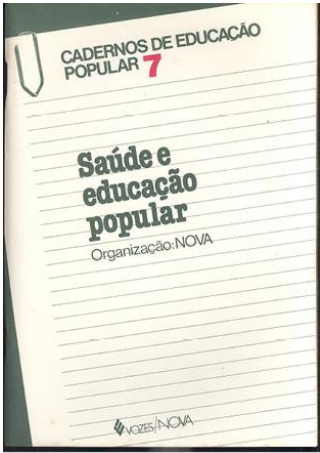
Com relação ao material apresentado nos quadros 1 e 2 os temas mais discutidos são: Saúde e Educação Popular, principalmente nos números 3 e

7, os quais tratam diretamente das experiências de vários profissionais (educação, saúde e serviço social). As publicações são de 1982 e 1984. Alguns trechos foram transcritos e socializados no quadro 3⁵.

Quadro 3 – Dados relacionados ao conteúdo dos trabalhos

<p style="text-align: center;">CADERNO 3</p> 	<p>Texto de Aída Bezerra</p> <p>Quando digo a gente, estou falando de uma experiência de reflexão — em cima de diversas propostas e práticas de educação popular — que não é exclusivamente minha. Diz respeito a um bom número de pessoas e grupos (p. 9).</p> <p>Nós, os educadores sociais da época (fins de 50/começo de 60), com todas as regras de participação que nos pareciam inovadoras. Gente encarregada de todas as tarefas: recreação, administração, saúde, limpeza, etc (p. 17).</p>
<p style="text-align: center;">1982</p>	<p>Texto de Pedro Benjamim Garcia</p> <p>Em determinadas práticas sociais, como na Medicina, transparece de forma nítida as relações de poder. Eis como Boltanski a descreve: A relação médico-paciente é antes de tudo uma transação comercial e, a este título, uma relação de força; pela natureza mesma da mercadoria que ela produz, da qual ele faz comércio e que tem por característica principal tirar todo seu valor (inclusive econômico) do valor que lhe é reconhecido, isto é, de sua legitimidade e da raridade de seus produtos legítimos, o médico, que vende seus 'serviços', quer dizer, seus atos e seus discursos, 'conselhos' e suas 'prescrições' é constrangido a tudo fazer para que o doente reconheça - o valor de seus serviços, aceite sua autoridade e se incline à sua vontade, mas também para limitar, ao máximo que ele possa, o controle que o doente poderia exercer sobre seus atos (p. 37).</p>

⁵ Como há poucos estudos a partir destes documentos, como forma de divulgação do material apresentei um quadro com excertos de textos dos Cadernos de Educação Popular: NOVA, resultando em 3 obras selecionadas a partir de uma pesquisa por descritores: Saúde e Educação Popular. Concernente aos Cadernos do CEDI, não será produzido quadro, pois o número de cadernos é mais que o dobro (7), exigindo mais espaço para escrita, ultrapassando as normas de publicações de artigos em revistas.

	<p>Em geral se reconhece que a intelectualidade brasileira sofre de mimetismo "cultural europeu" seguindo, como pode, o que lá fora se produz (p. 38).</p> <p>Valorizar o saber popular a partir de nossos parâmetros resulta numa visão sempre pobre porque, no fundo trata-se de nossa própria valorização. Importante, no caso, é estarmos atentos às expressões da capacidade criadora das camadas populares que se manifesta em cantos, danças, comidas, formas de luta, formas de sobrevivência, códigos próprios. É neste solo, que tem raízes profundas e autônomas, que reside o potencial transformador da sociedade (p. 41).</p> <p>É este tipo de perspectiva que, em educação popular, aponta para a formação de líderes; seja através de cursos, seja através de "papos iluminados" (p. 50).</p> <p>Agente de educação popular é denominação dada àquele que tem trabalho direto com os grupos populares. Em geral pertence a uma instituição, em nome da qual exerce a sua atividade. Neste artigo o termo agente é empregado no masculino singular mas refere-se, indistintamente, ao sujeito/agente (homem ou mulher) e à equipe de agentes (p. 56).</p>
<p>CADERNO 7</p>  <p>1984</p>	<p>APRESENTAÇÃO</p> <p>A escolha do tema "Saúde e Educação Popular", como matéria de uma publicação, insere-se nesse processo. [...]. O texto resultou de um seminário, organizado pelo NOVA com a colaboração da Revista Médico Moderno, para o qual foram convidadas pessoas que a partir de suas experiências pudessem discutir as implicações de um trabalho de saúde junto a grupos populares (p. 9).</p> <hr/> <p>Texto de Joaquim Alberto Cardoso de Melo</p>

— Eu vou me apresentar por duas vertentes: uma, meu caminho pessoal, e outra, onde eu estou trabalhando hoje. Eu me formei em Odontologia. De 1962 a 1964 eu tinha o meu consultório, promissor em termos de clínica particular. Em 1964 rompi com o consultório e fui fazer Saúde Pública como uma outra perspectiva de trabalho. Fiz, então, **o curso de Educação em Saúde Pública**. Hoje sou docente do Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz, na **área de Educação e Saúde** (p. 13).

Esse **trabalho junto à Escola** vem sendo interessante porque a direção e seu corpo docente têm uma vontade enorme de repensar o conteúdo e a metodologia de ensino das crianças faveladas. Essa é uma Escola muito singular porque só tem a 1ª e 2ª séries. E a gente vem, desde 1981, discutindo com os professores a questão do conteúdo do ensino e a realidade de vida das crianças: de como a escola, por exemplo, fabrica o fracasso escolar e cria um conteúdo alheio à criança dentro da visão que o professor tem da infância. **E a gente entrou aí na intenção de discutir com os professores a questão da saúde** (p. 13-14).

A gente tem como perspectiva para 1984 de reunir orientadores, professores e psicólogos da **Secretaria de Educação** com profissionais de **Medicina** Escolar da Secretaria de Saúde. A proposta é a de realizar uma série de seminários, de encontros, para repensar e buscar alternativas de trabalho com a preocupação de tentar romper com o **fracasso escolar do aluno**. Ou, pelo menos, **entender e buscar alternativas para ele** (p. 14).

Elza Ferreira Lobo

A minha formação é mais na área da educação e da comunicação. Fiz primeiro comunicações e depois História e acabei aprofundando-me em Comunicação e **Educação Popular**. [...]. Nessa **década de 70**, nos diferentes países, mas principalmente no nosso continente

latino-americano havia uma grande difusão dos trabalhos e do **pensamento de Paulo Freire**. Discutia-se muito os **trabalhos de base** e o seu significado. Diferentes formas de atividades de base: cooperativas, teatro, cinema, fotografia, imprensa, enfim, as diferentes formas de como trabalhar o nível de **consciência da população** (p. 17).

E aparece a saúde também como um dos aspectos que até então se tinha tocado mas não em profundidade. **É quando vai se ver que a saúde está diretamente ligada ao aspecto da educação**; e que a saúde vai depender fundamentalmente do nível organizativo da população. **Então uma população melhor organizada vai ter uma produção de saúde melhor**, e uma população mais desorganizada vai ter menos saúde. Dentro desta perspectiva — e aí isso vai explicar um pouquinho como é que eu tenho feito o meu trabalho — eu volto ao Brasil em 1979 (p. 18).

No caso de São Paulo, eu tenho acompanhado muito de perto aquele trabalho de uma **região que se chama Zona Leste de São Paulo**, onde surgiu o **trabalho dos Conselhos de Saúde** que são **conselhos da própria população**. A população se organiza por bairros **através de eleições**, nas quais são escolhidos os candidatos. A partir daí existe todo um processo de eleição para quem vai ser o membro do Conselho. **E esse Conselho atua junto ao Centro de Saúde** (p. 19).

Sempre estive muito voltada para aprofundar essa **questão do saber**, a **questão da organização** e a forma como o **movimento popular** se junta ao **movimento social** (p. 22).

Douglas Carrara

O objetivo era buscar com especialistas essa **experiência terapêutica na medicina popular**, utilizando uma **técnica antropológica de pesquisa — a observação participante** (p. 23).

O tempo de permanência dessas práticas é uma coisa incrível. Vejam, por exemplo, lá em Magé: atualmente, um **lavrador trabalhando na cana, uma das folhas lhe cortou a pupila do olho e fez uma ferida. O curandeiro indicou: usar um canudo de bambu e pulverizar açúcar dentro do olho do indivíduo.** Eu recolhi aquela prática e fui pesquisar. Mais tarde, lendo um **livro do século XVI**, de um prático da época, tomei conhecimento de que ele tratava das feridas dentro do olho, promovidas pela varíola, da mesma maneira: com um canudo de bambu e com pulverização de açúcar. Engraçado que esse autor é de **Pernambuco** e a pessoa que me informou era também originária de Pernambuco. Você vê que o uso do açúcar para cicatrização de ferida dentro do olho é a mesma depois de quatro, cinco séculos. E eu pude constatar, em quase todas as informações, essa condição de permanência das práticas. Então, ao meu ver, isso é uma prova de que existe uma experiência, uma intimidade com aquela prática. Eventualmente a população pode se enganar. Pode diagnosticar uma doença e, na verdade, estar enganada. Existem essas falhas, mas o percentual de evidência de que essas práticas funcionam em determinadas situações é muito grande (p. 24).

A minha experiência em termos de pesquisa foi principalmente desenvolvida com especialistas; mas, também, com o que eu **chamo de usuário da medicina popular**, que é o **paciente**. Com uma distinção: **os pacientes, na medicina popular, são pacientes, mas também são usuários.** Usuários no sentido de que eles também se autoclinicam e também clinicam eventualmente. Então, além dos que têm um certo prestígio na área e se destacam justamente porque **têm um passado de curas** e aquilo é divulgado com muita intensidade, a **comunidade possui uma rede muito grande de especialistas** (p. 25).

Paulo Dantas

O meu caminho é um pouco diferente do relato de vocês, mas se toca em muita coisa. **Em 1966, eu estava ainda na Faculdade de Medicina, 4º ano, vivendo aquele período pós-64 de intervenção e castração do pensamento e das ações de todos nós.** Naquele ano, no Recife, houve uma cheia que atingiu uma grande área geográfica da cidade e, profundamente, as **áreas ribeirinhas** (p. 34).

Naquela ocasião, realizamos **um trabalho conjunto com moradores da própria área para atender àquela população doente e aglomerada.** E isso resultou em uma **afinidade** muito forte com eles (p. 35).

Esse **movimento** todo teve uma repercussão muito positiva para o pessoal. A partir daí é que surge a **equipe de saúde integrada** com o trabalho do bairro, uma **semente plantada** que até hoje **está se desenvolvendo** (p. 36).

Este relato dá uma ideia da integração das **atividades de saúde com o conjunto das lutas dos moradores do bairro.** Hoje, essa integração está sendo mais efetiva através de atividades desenvolvidas por um grupo denominado de "**Comunicação**" que através de diversas realizações como jornalzinho, teatro, dias de estudo, projeção de filmes (projeção opaca) elaborados pelo próprio grupo etc., motivam os moradores a uma participação concreta na solução dos graves problemas da comunidade (p. 38).

SEGUNDA PARTE:

INICIANDO UMA CONVERSA

O **governo da Prefeitura de São Paulo**, o anterior, colocava o seguinte: "**estamos fazendo educação popular**". Então como é que a Prefeitura poderia ficar institucionalizando — inclusive criou um departamento junto à **Secretaria de Bem-Estar Social — de que existia educação popular?** A educação popular era vista como? [...] Então, as assistentes sociais acharam que elas estavam organizando a população, porque elas estavam juntando cinco famílias para

	<p>conseguirem os bicos de luz. Agora, por que a Light fazia isso? Porque ela achava que uma pessoa podia deixar de pagar a conta. Agora, cinco pessoas era uma forma de pressão. Quer dizer, um controlava o outro para não ficarem sem a luz. Isto não era nem educação popular nem organização popular; era uma forma de facilitar o serviço da Light. O discurso era como se estivessem fazendo uma educação popular. Então eu acho que educação popular, participação popular, participação comunitária, organização e tudo o que vem aí nos discursos oficiais a gente tem que ficar com um pé atrás. Vamos ver o que eles querem dizer com isso e vamos ver como a gente embarca (p. 52).</p> <p>E aí é que eu acho que o problema educativo seria como é que nós entendemos essa educação popular. Quer dizer, como é que a população começa a se responsabilizar pelos demais, como é que todos juntos podem estar contribuindo para que as necessidades básicas sejam atendidas (p. 72).</p> <p>Agora, educação popular não tem receita e é como diz o Paulo: “é na prática que você se forma”, não é? São processos e não adianta a gente dizer que vai fazer um manual ou vamos estabelecer uma cadeira ou formar dentro de uma universidade, porque não é. É a prática com as suas contradições que vai formando este educador (p. 77).</p>
--	---

Fonte: Dados da pesquisa documental.

Os excertos retirados dos textos publicados, nos Cadernos de Educação Popular, revelam que a Educação Popular não possui um único significado, podendo ser concebida teoricamente como crítica e inovadora, mas na prática assistencialista e benevolente. Por outro lado, muitas experiências, evidenciaram mudanças sociais significativas, congregando formação política ao lado de resolução de problemas locais, não os dissociando de situações-limites mundial.

Há dezenas de experiências de Educação Popular em Saúde não conhecidas. O Sistema Único de Saúde pode ter adotado muito dessas

práticas, realizadas em movimentos populares e de igrejas, como política pública, tais como: Agente Comunitário de Saúde, Controle social, a intersetorialidade e Conselhos locais de saúde.

Concernente aos excertos, os correlacionamos aos conceitos de Paulo Freire, particularmente: poder, saber, diálogo, inserção, adaptação, participação, luta e diálogo.

Paulo Freire (1987; 1992) reafirmou várias vezes que a história é possibilidade, portanto, nossa inserção no mundo pode ter papel transformador. Para tanto, é necessário reinventar o poder. A relação dos saberes populares em diálogo com o saber científico, como possibilidade de construção de novos saberes se configura uma nova forma de estar no mundo: existindo e convivendo na luta pela dignidade humana. Os excertos demonstram que a Educação Popular crítica é para além de uma pedagogia dos direitos, mas passa por ela via trabalhos coletivos, engajamento político na constituição de culturas rebeldes e da edificação de uma pedagogia da luta, tendo como horizonte a pedagogia da humanização (Brandão; Assumpção, 2009; Streck; Esteban, 2013; Paulo, 2018).

Os cadernos do CEDI, que fazem parte da nossa amostra, apresentam temas que discorrem sobre a temática deste artigo: Saúde e Educação Popular, sendo que os assuntos mais tratados foram: remédio caseiro, saúde como campo da pastoral popular, atividades com várias áreas (saúde, educação, assistência, habitação), construção de posto de saúde para o desenvolvimento de uma educação popular, roça comunitária, movimento de organização comunitária, mutirões, educadores populares, compra coletiva de alimentos, cooperativas, movimentos de saúde comunitária, experiências na elaboração de material didático para adultos, direito à alimentação e a saúde, lideranças indígena, monitores de ensino e agentes de saúde, saberes populares, luta pela saúde, pesquisa sobre a saúde do povo, direitos populares, atenção à saúde, avaliação popular, saber sobre a saúde: direitos, sindicato, saber sobre a saúde, cartilha dos direitos, educação popular, encontros de saúde, encontros populares de saúde, profissionais da saúde e

agentes de base, comissão regional de saúde, luta por melhores condições de saúde e agente de saúde.

Diante desses dados, lembramo-nos que os principais pressupostos do trabalho popular é a metodologia da pesquisa participante. Conforme Freire (1987; 1992), o trabalho junto e com povo requer diálogo, respeito, diretividade, compromisso e posição na luta contra todo tipo de opressão. Por isso, a vocação ontológica dos seres humanos é, para Freire (1992), ser mais para a humanização.

Paulo e Santos (2020), no texto intitulado "Cartas de Carlos Rodrigues Brandão e a educação não escolar" apresentaram um quadro de identificação de temas não escolares, destacando a Educação Popular (17 vezes), Movimentos da Igreja Católica (10 vezes) e a Saúde (13 vezes). Conforme as autoras, outras temáticas relacionadas à temática educação não escolares apresentam: teatro, dança, sindicatos e movimentos sociais, educação indígena, campo e cidade. De acordo com as educadoras, com relação ao tema da educação não escolar:

No sul de Minas Gerais, Brandão tem um sítio chamado Rosa dos Ventos, que possui marcas interessantes, principalmente porque é um espaço aberto para quem quiser entrar e ficar. É nesse espaço que se encontravam as Cartas de Brandão [...]. São 8 grandes temas discutidos nas cartas analisadas, sendo que estas cartas discorriam sobre temas discutidos e trabalhados por Brandão. Interessante que Paulo Freire é citado 18 vezes nas 65 cartas analisadas, sendo que o educador é citado no tocante à Educação Popular, política, cultura, à Educação de Jovens e Adultos, a sua tese (Educação e atualidade brasileira), ao método, atividades na Unicamp e acerca de alguns de seus livros (Paulo; Santos, 2020: 93- 96).

Carlos Rodrigues Brandão, um dos pioneiros da Educação Popular no Brasil, fez parte da Equipe Redatorial e foi assessor do CEDI. Ademais,

Brandão ingressou e acompanhou o trabalho realizado pelo MEB-Goiás, a partir de 1963, juntamente com Alda Maria Borges Cunha. Ali - teve uma atuação muito intensa (Brandão, entrevista concedida em agosto de 2015). Também foi membro da Juventude Universitária Católica (JUC), participando da Ação Popular (AP). Esse movimento foi - severamente reprimido na ditadura militar e, inclusive, fechado pela ala conservadora da igreja católica (Ibidem).

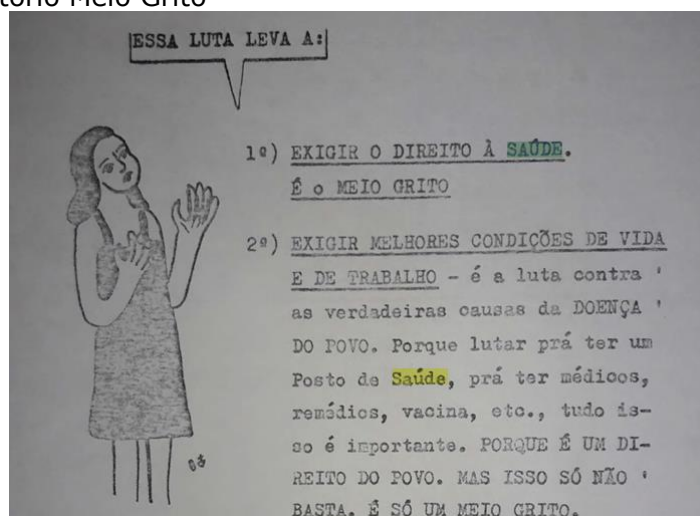
Brandão é da geração de Betinho, frei Beto e, Leonardo Boff, pessoas que fazem parte da sua trajetória (Paulo, 2018: 61).

Osmar Fávero, também trocou muitas cartas com Brandão e suas trajetórias profissionais possuem experiências semelhantes: MEB, Juventude Universitária Católica (JUC), ação católica, educação popular. Em uma entrevista, Fávero cita Brandão:

[...] Eu fiz parte do movimento de educação popular, no MEB - um braço da Ação Católica, nos anos de 60. Fiquei seis (6) anos no MEB. O Carlos (Brandão) começou a trabalhar comigo em 1963, era estudante de psicologia. Ele era monitor. Nesse período, a expressão educação popular era muito usada (**Entrevista concedida em agosto de 2015**). A sua vida profissional começou com a educação —inteiramente ligado a educação de jovens e adulto. [...] É pelo trabalho no **Movimento de Educação de Base** (MEB) que Fávero se aproxima mais intensamente da **Educação Popular** (Paulo, 2018: 68-69 - grifos da autora).

Brandão é reconhecido na América Latina pelo seu trabalho com Educação Popular e Pesquisas Participantes. Foi citado por Paulo Freire (PAULO, 2019) e possui dezenas de livros sobre Educação Popular (Paulo, 2018). Dentre os materiais recebidos por Brandão, contamos com Cartas e alguns anexos. Com relação ao caderno 3 do CEDI, possuímos o arquivo denominado: O Meio Grito - (Relatório). São 52 páginas com texto e imagens. Foi um trabalho realizado em Goiás, no ano de 1979. Apresentamos, na figura 1, um recorte do relatório que não foi publicado no caderno do CEDI:

Figura 1 – Relatório Meio Grito



Fonte: Dados da pesquisa documental.

Como modo de articular as cartas de Brandão, as pesquisas documentais de segunda mão e o seu envolvimento com a Educação Popular, em vários contextos educativos, apresentamos, nas figuras abaixo (2, 3, 4, 5, e 6), algumas reflexões das cartas em que a temática da saúde é citada.

Figura 2 – Carta escrita por Brandão (1979)

meçamos. Neste semestre todo o meu trabalho na UNICAMP será o de orientar 5 alunas do mestrado que fazem teses "na área de saúde", como dizemos por aqui (saúde e enfermidade entre o povo, ideologias da saúde, políticas de saúde popular, etc). Já pensam algumas alunas em

Fonte: Dados da pesquisa documental – cedido por Brandão

Figura 3 – Carta escrita por Brandão (1980)

Como começou? (ouvir os mais velhos, os que chegaram no começo; registrar as histórias que eles têm para contar)
 Quem são as pessoas que vivem lá? De onde vieram para o povoado? Passando por onde? Porque vieram? O que faziam antes?
 Como é a vida hoje no lugar? O que se faz? Como se faz? Como era antes e como é agora?
 Como se mora? Como se come? O que se come? Como se cuida da saúde? etc, etc.
 Quais os recursos que existem: escolas, postos de saúde, igreja, etc.
 Como está organizado o trabalho? Terra, como, de quem, em que sistema de posse, etc.

Fonte: Dados da pesquisa documental – cedido por Brandão.

Figura 4 – Carta escrita por Brandão (1980)

O outro escrito de fim-de-ano foi o que me deixou mais imensamente feliz. Ele já está na gráfica para ser o 3º dos cadernos do CEDI. Foi "O Meio Grito", a pesquisa-participante sobre saúde na Diocese de Goiás. Estive em 4 de janeiro em Ceres, com Paulo, Teresinha (uma socióloga da equipe, que mora em Itapirapuã), Chica e Maurício, jovens de Ceres mesmo, Tião, um lavrador e Idalice, uma lavadeira de Itapirapuã que foi quem nos acabou dando o prefácio e o próprio título da pesquisa: "O Meio Grito".

Fonte: Dados da pesquisa documental – cedido por Brandão.

Figura 5 – Carta escrita por Brandão (1980)

Paulo vem ano que vem para São Paulo fazer estudos. Passa uns dois anos conosco. Consultei José Ricardo sobre a possibilidade de ele ficar sendo um nosso companheiro de trabalhos, um assessor para assuntos de **saúde**. Paulo gostaria muito e Zé achou a idéia muito conveniente. Fiz um pequeno projeto de **saúde**. Pequeno mesmo, coisa de 10.000 dólares. Mas não o fiz apenas para seminários (2 no ano). Fiz para continuarmos uma experiência de **saúde** na zona rural e para podermos multiplicar a experiência. Creio que, dentro do projeto, poderiam constar um ou dois seminários. Mandei de

Fonte: Dados da pesquisa documental – cedido por Brandão.

Figura 3 – Carta recebida por Brandão, de Freire (1980)

Fiz algumas viagens com o grupo de Terra Sem Lavrador. Em geral são cansativas, mas tão ricas em contatos que compensam plenamente. Agora tô pensando em dar uma sumida por aí, com aquele texto sobre **saúde** que você me deu (**Saúde**, Medicina e Trabalho no Brasil). Talvez eu vá prá Abadiania, na casa do Frei Mateus,

Fonte: Dados da pesquisa documental – cedido por Brandão.

O trabalho popular, nas pesquisas documentais realizadas, emergiu das contradições da sociedade capitalista, as quais estavam materializadas nas condições de vida da classe popular através das situações limites, vivenciadas pelo povo. O trabalho de Educação Popular em Saúde buscava superar esses problemas de modo dialógico, na perspectiva do trabalho coletivo e participativo, ampliando a leitura crítica de mundo em um trabalho político e pedagógico de conscientização.

A Educação Popular, a partir do primeiro mandato do governo Lula (em 2003), passou a ser discutida como possibilidade de política pública, sendo resignificada articulando Estado e Movimentos Sociais (Brasil, 2009; 2013; 2014). Na área da saúde, no contexto brasileiro, foi criada a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEP-SUS) e a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde. A esse respeito Vasconcellos (1988; 2004; 2010; 2012) tem escrito sobre a história a Educação popular nos serviços de saúde, antes e depois da Constituição Federal de 1988 e da criação do Sistema Único de Saúde (SUS). Vasconcelos, Vasconcelos e Silva (2015) colocam que a luta por outro paradigma da compreensão teórico-prática da saúde é recuperar e estimular experiências

de educação em saúde que tomem como ponto de partida a ruptura com os modelos bancários de saúde e educação. A isso eles chamam de propostas emancipatórias aliadas a práticas de resistência.

De um modo geral, referindo-nos aos estudos bibliográficos e documentais as experiências de Educação Popular e de Saúde influenciaram a proliferação de movimento de educação popular, os estudos de Paulo Freire e de Brandão como autores base da Educação Popular. Igualmente, as lutas por Educação Popular em Saúde estão conectadas à luta pela democracia e um modo de promover a saúde do povo (Vasconcelos, 2004).

Construído e registrando a história: Algumas Considerações

A presença da Educação Popular e da Saúde nas Cartas de Carlos Rodrigues Brandão tem aproximação com as revistas Cadernos do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e Cadernos de Educação Popular do Nova: pesquisa, avaliação e assessoria. No primeiro caso, aproximação direta porque Brandão fazia parte da equipe do CEDI e possui textos publicados na revista. No segundo caso, Educação Popular, avaliação em Educação Popular, metodologia de análise da prática de Educação Popular, educação e pastoral popular eram temas tratados que, Brandão também tem participação, mas nem sempre de forma direta como no CEDI.

A partir de pesquisa documental e bibliográfica verificamos que Paulo Freire, Osmar Fávero, Carlos Rodrigues Brandão e Eymard Mourão Vasconcelos são autores importantes para conhecermos a história da Educação Popular para além da área da educação. Os Movimentos Sociais Populares vinculados a igreja católica são instituições que se destacaram no tocante as práticas de Educação Popular nas décadas de 1950 a 1980.

As revistas foram de suma importância para adentrarmos aos temas, ideias e sujeitos que escreviam sobre Educação Popular e Saúde. Observou-se que as práticas educativas de cunho pedagógico buscavam tratar a transdisciplinaridade e intersectorialidade como elementos essenciais para o campo da Saúde. As experiências educativas, publicadas nas revistas e cartas

de Brandão, podem ser definidas como educações de insurgências, e nelas temos pistas e evidências de que é possível ampliarmos a discussão sobre a emergência da construção de uma pedagogia latino-americana, orientada pela Educação Popular revolucionária.

Identificou-se, que no Brasil e na América Latina, a Educação Popular foi um campo de disputa e de luta pelo poder popular, de respeito aos múltiplos saberes, de metodologias participativas, de inserção política comprometida com a libertação dos oprimidos, questionando as práticas de adaptação ao Sistema autoritário e burocrático. Na Pedagogia do Oprimido (Freire, 1987) adaptar-se está relacionada a concepção de educação bancária e ao poder da ação antidialógica. Já a inserção associa-se a capacidade interventiva dos homens e mulheres, assim como observamos nos estudos documentais de primeira e segunda mão. Ratificamos que as experiências de Educação Popular e Saúde são pouco conhecidas e estudadas. Elas possuem potencial para a produção de conhecimento de colonial.

Referências bibliográficas

BRASIL. Portaria nº 1.256, de 17 de junho de 2009. Institui o Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde (CNEPS). *Diário Oficial da União*, Brasília, 17 jun. 2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1256_17_06_2009.html. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde - PNEP-SUS. *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 nov. 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. Portaria nº 11, de 23 de maio de 2014. Institui o Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 e maio 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt1082_23_05_2014.html. Acesso em: 10 maio 2021.

BRANDÃO, C. R.; ASSUMPÇÃO, R. *Cultura rebelde*: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

CONDINI, M. A Pedagogia da Esperança em Dom Helder Camara. *Revista de Ensino e Pesquisa em Administração e Engenharia*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 147-164, jan./jun. 2016. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo1775607-a-pedagogia-da-espera%C3%A7a-em-dom-helder-camara. Acesso em: 14 mar. 2021.

FÁVERO, O.; MOTTA, E. Educação popular e educação de jovens e adultos: memória e história. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DO CENTRO DE MEMÓRIA, 2016, São Paulo. *Anais: VIII Encontro Nacional do Centro de São Paulo: Unicamp*, 2016, p. 1-15.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FURTADO, C. *Formação Econômica do Brasil*. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, L. B.; MERHY, E. E. Compreendendo a Educação Popular em Saúde: um estudo na literatura brasileira. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, RJ, 27(1), p. 7-18, jan, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/2011.v27n1/7-18/pt>. Acesso em: 25 jul. 2021.

MAUÉS, R. H. Comunidades "no sentido social da evangelização": CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia Oriental Brasileira. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, RJ, v. 30, n. 2, p. 13-37, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n2/a02v30n2.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

PAULO, F. dos S. *A formação dos (as) educadores (as) populares a partir da práxis: um estudo de caso da AEPPA*. 2013. 278f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

_____. *Pioneiros e pioneiras da educação popular freiriana e a universidade*. 2018. 269 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

PAULO, F. dos S. Carlos Rodrigues Brandão (1940). In.: PITANO, S. de C.; STRECK, D. R.; MORETTI, C. Z. (Org.). *Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

PAULO, F. dos S.; SANTOS, M. S. Cartas De Carlos Rodrigues Brandão E A Educação Não Escolar. In: PAULO, F. dos S.; DICKMANN, I. (Org.). *Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular*. 1. ed. Chapecó: Livrologia, 2020, p. 88-102.

STRECK, D. R.; ESTEBAN, M. T. *Educação popular: lugar de construção social coletiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VASCONCELOS, E. M. *Educação popular nos serviços de saúde*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, RJ, v. 14, n. 1, p. 67-84, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/zdzwnsyC9nQV8dNgsDqbxLd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. *Educação popular e a atenção à saúde da família*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. Educação popular em saúde: constituição e transformação de um campo de estudos e práticas na Saúde Coletiva. In: PELICIONI, M. C.; MIALHE, F. L. (Org.). *Educação e promoção da saúde: teoria e prática*. São Paulo: Santos, 2012. p. 313-348.

VASCONCELOS, E. M.; VASCONCELOS, M. O. D.; SILVA, M. O. da. A contribuição da Educação Popular para a reorientação das práticas e da política de saúde no Brasil. *Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, BA, v. 24, n. 43, p. 89-106, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/texto-2-1-artigo-eymard.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.